

Filosofia: uma ciência prática?

Philosophy: a practical science?

Dionatans Godoy Quinhones¹
Márcio Luis Costa²

¹ Filósofo, mestrando em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco.

² Doutor em Filosofia, professor no mestrado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco.

RESUMO

Este artigo se propõe a discutir a dimensão prática inerente ao ato de filosofar, propondo à própria filosofia essa questão, lançando um olhar nos diferentes sistemas surgidos ao longo de sua história. Partimos das constatações do prof. Viktor Frankl que percebeu uma busca crescente por destinatários de questões existenciais que não propriamente de cunho psicopatológico. Assim, propomos que não só as psicoterapias teriam algo a dizer a respeito destas questões. A própria filosofia, enquanto uma ciência que se debruça sobre as configurações existenciais do ser humano, poderia ter algo de muito relevante a dizer. Se as configurações existenciais são as que dão a pauta analítica, tanto para a filosofia como para as terapias, para abordar o ser humano, então, faz-se necessário examinar como a filosofia tem refletido sobre a existência humana para analisá-la e determinar se há algum tipo de caráter prático nesse exercício filosófico.

PALAVRAS-CHAVE

prática filosófica
aconselhamento
sentido da vida

ABSTRACT

This essay discusses the practical dimension imbued into the very act of philosophizing, proposing the discussion to the discipline of philosophy, through the eyes of the diverse systems that have appeared along its way. The point of departure is Viktor Frankl's reflection, especially when he notices that there have been persons with existential, not exactly psychopathological questions. Thus, one asserts that not only psychotherapies, but philosophy as well, have something to say about these questions, given that philosophy deals with existential configurations of human being. If existential configurations set the analytical agenda to deal with human beings, be it for philosophy, be it for therapies, then it follows that it's necessary to discuss how philosophy reflects upon human existence, in order to analyse it and determine if there exists any practical character in such a philosophical exercise.

KEY-WORDS

*philosophical practice
counseling
meaning of life*

INTRODUÇÃO

Nossa proposta neste artigo é indagar sobre a possibilidade de conceituar a filosofia como ciência prática. A filosofia mesma, na sua história e no seu filosofar, será a principal destinatária dessa pergunta.

Uma das constatações mais interessantes presente na obra de Viktor Frankl, fundador da terceira escola vienense de psicoterapia, é a de que, em determinado momento, psiquiatras e psicólogos começaram a ser procurados por pacientes que os confrontavam com “problemas humanos e não tanto com sintomas neuróticos” (FRANKL, 1990, p.66). Quando da publicação de seu livro, Frankl percebeu que clérigos e conselheiros, até então destinatários naturais dessas demandas metaclínicas, já não gozavam de autoridade para problematizar e orientar as questões de sentido, e a clínica psiquiátrica e psicoterapêutica tornaram-se, então, refúgios para ela.

Porém, hoje, presenciamos o surgimento de novas propostas de interação com essas problemáticas e, talvez, o setting clínico não seja mais o lugar privilegiado e exclusivo para abordar as queixas em relação a essas questões existenciais, de caráter noogênico, isto é, relativo às configurações existenciais de significados, sentidos e valores do ser humano.

Se as configurações existenciais são as que dão a pauta analítica, tanto para a filosofia como para as terapias, para abordar o ser humano, então, faz-se necessário, inicialmente, examinar como a filosofia tem se debruçado sobre a existência humana para analisá-la e determinar se há algum tipo de caráter prático nesse exercício filosófico.

UMA RETOMADA HISTÓRICA DO ASPECTO PRÁTICO EM FILOSOFIA

Ao longo da história, muitas foram as tentativas de conceituar filosofia. É possível passar em revista alguns enunciados célebres que fizeram escola e determinaram, no seu tempo, a forma de ver e de entender o filosofar. Enunciados gerais que já se tornaram inclusive senso comum, como: “estudo das idéias”, “análise dos célebres pensa-

mentos que nortearam o desenvolvimento do Ocidente”; “história do pensamento Ocidental”, ou simplesmente “amor à sabedoria” (numa perspectiva etimológica), são exemplos recorrentes de uma conceituação reducionista de filosofia.

Essa conceituação associa a filosofia quase que exclusivamente a estudos de pensamentos ou às inferências abstratas que terminam por aprisioná-la em um mundo de abstrações frias, distanciando-a, dessa forma, daquilo que constitui as bases da sua origem e desenvolvimento como ciência da vida.

Fazendo eco ao filósofo Marc Sautet (2003), um parisiense que se arriscou a levar a filosofia para o cotidiano de um café, na Praça da Bastilha, em Paris, é possível afirmar que, em seu encastelamento universitário, a filosofia ficou demasiadamente nobre; em sua linguagem altamente especializada, ficou distante da vida diária e ordinária; na soberba de seus mestres, ficou estéril.

A palavra estéril possui uma relação intrínseca com o conceito de vida. A vida é um acontecimento que só pode surgir de algo fértil. Uma filosofia estéril, então, é uma filosofia que não tem nem gera vida. Mas essa infertilidade decreta a morte da filosofia? Será que realmente ela já não tem nada a dizer sobre nosso mundo?

Quando procuramos descobrir o que não funciona bem na Cidade, o que destrói a democracia, o que compromete a justiça, a liberdade, a igualdade, em suma, as relações entre os cidadãos, aquilo que impele os homens a se odiarem e a se matarem uns aos outros, quando estendemos esse exame ao conjunto das nações, a ponto de considerar o destino da humanidade inteira, que é que estamos fazendo? Na verdade, teremos algum dia tido tantas razões para filosofar? (SAUTET, 2003, p.10).

Filosofar aparece aqui como uma postura. Alguém que, no mundo e com o mundo, pensa o mundo a fim de transformá-lo. Filosofar implica, então, uma prática. Certamente, os mais céticos verão essa afirmação com desconfiança, afinal de que instrumental a filosofia dispõe para intervir no mundo? Tal pretensão não estaria entrando no campo das ciências especializadas? Ou, a bem da verdade, não estariam as ciências especializadas ocupando o vazio deixado pela

filosofia? Pelo seu crescente interesse pela lógica e pela “estrutura” do raciocínio, já que a validade de um silogismo não depende de seu conteúdo, mas de sua forma e pelas casuísticas sem fim, que tantas vezes se ocuparam de temas irrelevantes, a filosofia terminou por se afastar da realidade ordinária da vida cotidiana.

Mas, historicamente, na sua origem, a filosofia buscou desenvolver-se numa perspectiva de intervenção na realidade. Foi assim com Sócrates, Platão e Aristóteles, para citar os mais célebres, muito embora discordassem quanto ao método e às concepções, como se verá na continuação, foram unânimes em pensar a filosofia sempre em relação a uma práxis.

Sócrates (469?–399 a.C.) se preocupou em elucidar a questão sobre o que o homem deve conhecer para conseguir a felicidade. Mas, não uma felicidade de gozo das coisas externas, e sim uma felicidade interior. Assim, seu imperativo “conhece-te a ti mesmo” passa para a história como um dos momentos ápicos da filosofia. Aí reside o coração do pensamento socrático. O centro de toda inquirição é sempre o próprio homem e seu conteúdo primordial é o Bem. O Bem é o conteúdo ético por excelência, assim, a ética, ou seja, a prática é o coração da filosofia para Sócrates.

Platão (428?–347 a.C.), discípulo de Sócrates e autor de uma das filosofias mais influentes da história, sustenta que o filósofo é como um técnico que detém o conhecimento para intervir e orientar corretamente certas realidades. Partindo da pergunta que interroga pelo “modo com se deve viver”, Platão (1998, 352d) elabora um discurso ético no qual assinala o que é o justo e o injusto, o que é o Bem e o que é o Mal. Para se atingir esse conhecimento, são necessárias duas posturas fundamentais: descartar o conhecimento de aparências e reflexão. O filósofo é o mais preparado para tratar dessas questões, justamente porque sua profissão trata das definições. Assim, o filósofo é aquele que dá as definições corretas, isso porque ele compreende que a realidade está articulada de maneira que pode ser cortada e analisada por meio do conceito e reconhecida no seu lugar lógico e, porque não, corrigida, caso seja necessário. Assim, o filósofo, segundo Platão, possui o instrumental necessário para analisar, intervir e melhorar a realidade.

Aristóteles (384?-322 a.C.), discípulo de Platão, é um dos filósofos mais completos da história, pois seus escritos vão da ciência à metafísica. Sua Filosofia se inicia com a descoberta de um instrumento para a ciência (a lógica) e culmina com uma metafísica que inclui e subordina uma teologia, uma teoria do mundo físico e uma doutrina sobre a alma e, além disso, se relaciona com uma ética e uma política. E é justamente na ética que o ideal grego de equilíbrio se manifesta de modo exemplar. Aristóteles (1988, 1106b, p.20) afirma que “há um termo médio e excelente, nele radica, precisamente, a virtude”. A moral, que pode ser ensinada, de nada vale se não vai acompanhada de uma prática, por isso, ao teorizar sobre a ação reta e moderada, Aristóteles (1988, 1103b, p.25) afirma que o estudo da ética “[...] não é teórico como os outros, pois pesquisamos não para saber o que é a virtude, mas para ser bons [...]”. Essa prática vai acompanhada, para o sábio, do reconhecimento da felicidade, à qual é conduzido pelo simples desenvolvimento da atividade racional, pois uma vida beata é uma vida contemplativa. Porém, essa contemplação não é a antagonista da ação, mas sim a própria ação purificada.

O conceito grego de teoria traz como significado geral: olhar, observar (MORA, 1994). Era a atitude fundamental do espectador nos festivais e atos públicos. Quando o termo se referia à atitude mental de observar, ganhava a conotação de contemplação. Neste último sentido é que a filosofia se apropria dessa terminologia. A vida contemplativa é a mais alta e nobre atitude de um ser humano. Em Aristóteles, a ciência teórica goza do status de filosofia primeira, por se ocupar, contemplativamente, dos princípios e das causas.

Assim, a vida contemplativa não é uma negação da vida ativa, pelo contrário, ela a supõe. O estabelecimento de uma hierarquia não implica uma dicotomia. A contemplação deve conduzir o homem para a vida beata, mas essa só se concretiza na prática.

Por sua vez, prático se referia a tudo aquilo que era adequado a uma transação ou negócio, ou seja, aquilo que era efetivo. Em termos de conteúdo, a palavra prática evocava todo e qualquer assunto humano em geral (MORA, 1994). Relacionando o termo com teoria

podemos dizer que há uma distinção entre ambas, porém, não uma exclusão. Tanto assim que é possível falarmos de um saber prático ou de uma sabedoria prática. Segundo Aristóteles, o saber se divide em três classes: 1) saber teórico; 2) saber prático e 3) saber poiético. O primeiro se preocupa com o tema do conhecimento, o segundo tem por objeto a ação, principalmente a ação moral, e o terceiro, a produção. Ao se referir à ação como objeto do saber prático, Aristóteles evoca o tema da ética, que é muito caro aos propósitos desta pesquisa por, justamente, evocar a importância da ação do homem e situá-la num lugar de destaque entre as preocupações da “Ciência filosófica”. Contudo, é conveniente apresentar antes o conceito de *Práxis*, pois o mesmo é de importância capital. No mundo grego, *práxis*, em grande medida, reproduz os conteúdos do conceito de prática. A idéia fundamental que o permeia é a de ação. Assim, *práxis* sempre se refere a uma atividade que, por sua vez, pode ser exterior, quando seu objetivo é a realização de algo que transcende o agente, ou interior, quando sua finalidade é o agente mesmo.

Uma vez mais, não há oposição entre teoria ou vida contemplativa e ação, mas sim um imperativo que exige a união da teoria com a ação numa *práxis* externa e interna. De sorte que, ao se falar de uma *práxis* filosófica, se evoca uma prática norteada pelos conteúdos mesmos da filosofia. Agora sim é possível passar à reflexão sobre o caráter prático da ética.

A GÊNESE DA ÉTICA COMO SABER PRÁTICO

Nos séculos V e IV a.C., a cultura grega passava por uma grande crise. Com a intenção de responder a essa situação foi elaborado um tipo de saber que se denominou Ética. Sócrates é apontado pela tradição como o iniciador desse movimento com o seu imperativo “conhece-te a ti mesmo”, e com sua pergunta “como devemos viver?”. Porém, é seu discípulo Platão que desenvolve a questão e acaba fundando o primeiro grande modelo ético do ocidente.

Numa perspectiva das histórias das idéias éticas devemos sem dúvida, dar primazia ao Sócrates platônico, pois foi este que Aristóteles reconheceu como iniciador da Ética, título recebido

por Diógenes Laércio e confirmado por Hegel, e é deste que procede a grande corrente da ética ocidental. (VAZ, 2002, p.94).

Tamanha foi a importância do feito platônico que seu modelo acaba estabelecendo previamente as sendas pelas quais a ética ocidental deverá caminhar. Nem mesmo o modelo Aristotélico que ordenou a ética em um sistema bem estruturado a ponto de ser considerado por alguns como o pai da ética, enquanto ciência autônoma, pode ser tomado fora de uma relação com o modelo socrático-platônico.

Escrito provavelmente entre 380 e 370, em plena maturidade do gênio platônico, esse diálogo, depois das Leis (12 livros) é o mais longo texto (10 livros) que Platão nos deixou, pode ser considerado o documento de fundação da ética ocidental e, em certo sentido, a carta dos grandes roteiros que o pensamento ético deverá seguir ao longo da história. (VAZ, 2002, p.101).

A grande preocupação do homem grego era, então, o ser bom, agindo bem, e a ética tinha o justo papel de estabelecer o que significa esse agir bem. A ideia de prática era muito forte. A prática constante de uma virtude leva o agente à perfeição. O fazer e o ser estabelecem aqui uma relação muito estreita, pois a qualidade da ação estabelece a qualidade do agente e, melhorando a ação, se melhora o agente.

Na experiência de sua frágil condição de ser efêmero e falível, o homem grego tinha diante de si como metron e padrão um conjunto de atributos e fins que mediam a qualidade e a excelência que desenhavam o perfil do “varão bom” segundo o ideal ético-político da tradição. O primeiro desses fins, do qual procedia justamente o predicado fundamental do agir e do sujeito éticos, era o Bem, cuja causalidade final, exercendo-se sobre o agir, conferia ao sujeito a qualidade ética fundamental do “ser bom”. (VAZ, 2002, p.87).

A ética grega então pode ser caracterizada como uma ética do indivíduo. Um indivíduo que se move no mundo, aperfeiçoando-se no cuidado-de-si e encontrando na auto-realização sua felicidade.

Para o ser humano, dotado de razão, o Bem ou o fim deve ter os predicados que possam ser aceitos e justificados pela razão. Sua posse causa no ser racional, pela mediação da Arete ou Virtude,

o estado de auto-realização ou auto-satisfação que Aristóteles designa com termo eudaimonia. (VAZ, 2002, p.118).

Contudo, devemos assinalar que o caráter prático da filosofia se preocupa também e sobremaneira com o aperfeiçoamento da Polis, de maneira que a política e a ética constituem momentos diferentes de um mesmo saber, o que aparece como algo extremamente relevante para essa discussão, pois insere na prática da filosofia não só uma preocupação pela descrição da estrutura formal da ética enquanto disciplina, mas uma preocupação por parte do agente que na sua auto-realização encontra como desdobramento último a realização e o bem da polis.

Assim, é possível dizer que o saber prático tem por objetivo alcançar o bem comum e a felicidade ou o bem-estar de cada um dos indivíduos da comunidade. Isso revela que a filosofia, desde suas origens, buscou desenvolver uma práxis. O filósofo grego, ao buscar a sabedoria, realizava uma práxis interior, pois buscava aperfeiçoar-se no exercício da meditação e da reflexão, e uma práxis exterior, quando propunha a perfeição da comunidade denunciando vícios e apontando as virtudes como o caminho do verdadeiro bem, ou seja, aquele fim capaz de desenvolver as potencialidades humanas no sentido da plenificação. Assim, o saber ético se tornou filosofia prática por excelência, mas, tal como já foi assinalado, é com Aristóteles que a ética se torna ciência autônoma e é assim que ela se apresenta hoje. Contudo, a filosofia não é somente a ética, suas outras dimensões certamente também gozam de alguma nuance prática que será indicado na continuação.

A PRÁTICA COMO UMA EXIGÊNCIA DO PRÓPRIO FILOSOFAR

Como vimos, a filosofia, na sua origem grega, surgiu para responder à uma necessidade prática, num contexto de crise. Estava ela situada nas praças, no meio do povo, tornando seu os conteúdos existenciais que eram apresentados pelas vivências de seus interlocutores. Porém, em um determinado momento, a filosofia saiu do meio da praça e se recolheu para a academia e para o liceu. O diálogo se tornou solidão e meditação.

O interlocutor do filósofo termina sendo os seus antecessores, classificados em antigos, modernos e contemporâneos. A filosofia se tornou uma disciplina a ser ensinada com estrutura e conteúdos determinados e um enfoque acentuadamente histórico e erudito. E, normalmente, aquilo que não responde a esse engessamento é visto com desconfiança.

Partindo da audácia do filósofo Marc Sautet (2003), é possível sustentar que o lugar do filósofo é, também, a praça pública, as ruas, as instituições sociais, políticas, educativas, etc., fazendo aquilo que, por profissão e por dever, é próprio dele, ou seja, questionar a partir da ética como práxis. Assim, filosofar, sem deixar de ser uma atividade do espírito, será, também, uma experiência, no sentido latino de “ex-perior”, isto é, atravessar o perigo.

E, se há uma coisa a ser ensinada, é esta: é preciso empenho, método, atenção, concentração e calma, mas é também preciso o inverso – o confronto com o real, o convívio na multidão, o enfrentamento daqueles que pretendem iludir os outros. Meditação e luta. Silêncio e alarido. A solidão e a ágora. (SAUTET, 2003, p.14).

Como já foi aludido, o termo filosofia nunca foi unívoco, de maneira que não é possível definir a filosofia por seus conteúdos, pois esses variam com o tempo e o lugar, mas é possível e necessário falar de uma postura filosófica de indagação, de busca e reflexão como base de uma proposta de prática da filosofia. Ferrater Mora (1912-1991), nome próprio de magnitude institucional na filosofia hispânica, ilustra, por um lado, o inevitável caráter polissêmico do verbo filosofia e, por outro, assinala na direção da possível abertura de novos horizontes históricos de compreensão da filosofia como exercício prático.

[...] Anne-Marie Malingrey ha estudiado esos usos desde los presocráticos hasta el siglo IV después de J.C. en la literatura filosófica en lengua griega, y ha encontrado que filosofía puede designar, entre otras cosas, la elocuencia o la moral práctica (Isócrates), la contemplación del cosmos y el método de investigación científica (en Aristóteles), el estado de vida, la experiencia interior transmitida por un maestro y la vida en comunidad (en Epicuro), la contemplación del cosmos, el esfuerzo moral orientado hacia Dios, la práctica de la ley (en Filón de Alejandría). (MORA, 1994, p.1271).

Assim, como cada época apresenta sua problemática, a atual desafia a filosofia e os filósofos a se pronunciarem e, sobretudo, a agirem, tomando parte na realidade e trabalhando para melhorá-la.

[...] es desde el horizonte total de su vivir que debe ser comprendida en la edad media tanto como en cualquier otra época de occidente, la filosofía y especialmente el sentido de ella. [...] Junto a los citados factores externos hay que tener en cuenta asimismo, especialmente en lo que toca a orientaciones durante algún tiempo enfocadas en filosofía teórica, los efectos del frecuentemente observado movimiento pendular en el pensamiento, y en general en la historia humana. Después de un tiempo de interés predominantemente teórico es lo más probable que haya uno de tendencia destacadamente práctica. (MORA, 1994, p.1271).

Portanto, essa proposta de uma filosofia prática, objeto de polêmicas, nada mais é que a filosofia ocupando seu lugar histórico de direito.

O epicurismo, o ceticismo e o estoicismo não praticavam a filosofia como uma técnica racionalista dedicada a mostrar inteligência ou talento, mas como uma arte de imersão e ampliação do combate à miséria humana. E “uma maneira de tratar os mais dolorosos problemas da vida humana”. Os filósofos destas escolas tornaram-se “médicos da vida humana”. (RAABE, 2001, p.02).¹

Para Sêneca (04-65), a Filosofia é fundamentalmente um assunto prático, ou seja, um assunto encaminhado ao bem viver. Esse bem viver não se refere a prazeres ou gozos, mas sim à verdadeira felicidade que é a paz e a tranquilidade de espírito. Assim, o único valor da filosofia repousa sobre sua função de ser ou poder ser um ensinamento para a vida humana e, por meio dele, um remédio e um consolo.

Há também filósofos contemporâneos, como, por exemplo, Nietzsche, que afirmava “ainda estar esperando por um médico-filósofo”, o qual iria “reunir coragem para eliminar a proposição: o que deveria dar suporte ao questionamento filosófico não seria somente a procura da verdade, mas algo mais, ou seja, saúde, futuro, crescimento, força e vida” (NIETZSCHE *apud* RAABE, 2001, p.02).

Epicuro, Sêneca, Nietzsche, entre outros, já anunciaram a necessidade de uma aplicação da filosofia à vida concreta do ser humano. Com essa plêiade de filósofos consagrados fundamentando historicamente a proposta de uma Prática Filosófica, nos parece o momento adequado para inserir uma discussão sobre uma das modalidades de tal prática chamada Aconselhamento Filosófico.

ACONSELHAMENTO FILOSÓFICO: A NOVIDADE DE UMA ANTIGA TRADIÇÃO

Na esteira dos filósofos antigos e contemporâneos que reclamavam a dimensão prática da filosofia, em 1981, na região de Colônia na Alemanha, Gerd Achembach abria o primeiro consultório de filosofia. Porém, antes dele, na década de 1970, estudantes de filosofia da universidade de Amsterdã reivindicavam a inclusão de cursos no currículo filosófico que possibilitassem uma intervenção no cotidiano. (FERNANDES, 2006)

Essa postura dos acadêmicos de Amsterdã reflete o anseio de todo acadêmico, a saber, “lidar com os atuais problemas da vida humana” (RAABE, 2001, p.03), propor saídas para eles, interagir com a realidade, enfim, sentir que anos de estudo podem ajudar a tornar o mundo um lugar melhor. Romantismos à parte, trata-se de resgatar a fecundidade da filosofia enquanto ciência da vida, restabelecendo a conexão entre a reflexão e a prática para, assim, re-situar a teoria como um instrumento poderoso para a mais alta filosofia prática: a arte de viver bem e feliz.

O aconselhamento filosófico consiste numa escuta e reflexão elaborada pelo profissional da Filosofia com a finalidade de ajudar a outros a lidar com o seu cotidiano. Mas vale notar que tal reflexão deve ser buscada também pelo profissional da Filosofia em relação à sua própria vida, no sentido de que o remédio filosófico deve ser tomado primeiro pelo filósofo.

No tocante a como essa ajuda pode ser oferecida, ou seja, o método de trabalho do aconselhador, não há uma unanimidade. O modelo desenvolvido por Achembach é o mais conhecido, por ter sido o primeiro, mas não está livre de críticas e correções. Porém, seu

principal mérito reside no fato de ter descoberto que pessoas sem uma formação específica em filosofia poderiam se servir dela para lidarem com situações concretas de suas vidas.

Achenbach propôs um método de entrevistas particulares ao longo das quais a filosofia recuperou seu direito de cidadania. Condição *sine qua non*: não sobrecarregar o discurso de conceitos inacessíveis aos comuns mortais e não desprezar o bom senso; deixar surgir a experiência pessoal, até favorecendo sua evocação, e incentivar o 'cliente' a se aventurar por terras desconhecidas, utilizando ao máximo a linguagem que lhe é familiar. (SAUTET, 2003, p.59).

Com essa abordagem, o aconselhador visa, antes de outra coisa, auxiliar seu interlocutor a sair da inconsciência-de-si, da ansiedade, da inquietação crescendo na autoconsciência, na consciência do mundo a sua volta e dos fundamentos que regem sua própria vida para, assim, desenvolver uma paz interior, uma autonomia e liberdade na construção da sua própria história.

O aconselhamento filosófico auxilia o cliente a identificar e esclarecer suposições e emoções desconhecidas; a reconhecer transição de abstração e suposição; lidar com questões sobre princípios e valores de vida; problemas éticos, questões consideradas a coisa "certa" a fazerem em dada situação, tomar boas decisões, fazer a melhor escolha; aprender "a arte de viver" e também auxilia os clientes a encontrarem, por si próprios, a resposta para a questão "como eu deveria viver minha vida. (RAABE, 2001, p.05) .

Uma questão que também se faz importante no sentido de situar a filosofia é indagar: o que leva as pessoas a buscarem auxílio? O mercado possui uma grande oferta de terapias, meditações, massagens, yoga, *new age* e toda uma miríade de nomes e, para todas elas, há clientes dispostos a pagar e se submeter aos seus métodos. Isso, de imediato indica que as pessoas estão buscando alguma coisa para si. Cremos não se tratar somente de busca de soluções para problemas específicos, mas antes de tudo, buscar um sentido para suas próprias vidas.

Ninguém vive sem saber por quê. A questão é que já não temos mais muito tempo de nos propormos essas perguntas e o que acaba acontecendo é que nos deixamos levar por um movimento inercial, ou seja, fazemos o que está previsto para ser feito e aceitamos o dado

óbvio como verdadeiro. Isso conduz o ser humano a um esvaziamento de sentido que o condena a uma vida inautêntica, sem saber quais valores ele próprio elegeria para si. Sem ter um porquê ou “como”, a vida se torna insuportável e desesperadora. “Ran Lahav afirma categoricamente que uma das razões para a pessoa tornar-se cliente do aconselhamento filosófico é o objetivo de melhorar a si mesma, obter uma vida melhor, mais profunda, mais rica e significativa” (RAABE, 2001, p.25). E, aqui mais uma vez é possível resgatar Viktor Frankl que afirma que uma vida mais significativa o ser humano só vai conseguir na sua autotranscendência (FRANKL, 1993, p.41).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propondo à filosofia essas questões, a partir de sua história, podemos dizer que sua missão enquanto prática é oferecer ao ser humano a possibilidade de assumir-se em seu ser numa vida autêntica e cheia de sentido. Assim, para encorajar o interlocutor a fazer uma autorreflexão fenomenológica, usando, inclusive, sua abordagem, o conselheiro deve oferecer aquilo que a própria filosofia oferece, a saber, liberdade para os juízos pré ou mal concebidos, preconceitos e a inconsciência. “A Fenomenologia libera o conselheiro a estimular o cliente a descobrir quais são os elementos fundamentais que constituem seu questionamento da vida” (RAABE, 2001, p.15).

[...] o aconselhamento filosófico é apresentado como próprio para áreas como trabalho pastoral, aconselhamento matrimonial, luto, aconselhamento acadêmico, e avaliar problemas, orientação profissional e consultoria empresarial, desenvolvimento da auto-estima, identificar pontos fortes e fracos, problemas religiosos ou espirituais, meios de vida / questões existenciais, problemas de aculturação, fases da vida ou problemas de meia idade, interesses sócio-profissionais, problemas interpessoais, familiares, de diferenças entre gerações, em ambos os grupos e em cada situação, bem como em lidar com sentimentos de culpa, depressão, timidez, raiva, etc, associados com ou derivados de qualquer um dos itens acima citados. (RAABE, 2001, p.05).

Assim, podemos concluir que, mais do que discorrer sobre temas muitas vezes vagos e tomados fora do cotidiano das pessoas, a filosofia carrega em si um estatuto epistemológico que a caracteriza como uma

ciência da vida nos autores apresentados neste estudo. Desde os pré-socráticos preocupados com a *Physis*, que ensinaram que a busca por uma *arché* (pricipio) é fundamental para dar unidade à vida e garantir a serenidade necessária para a construção do ideal da eudaimonia (felicidade), até autores contemporâneos, como Lévinas, Foucault e outros que enriquecem suas reflexões com temas extremamente caros à vida humana.

Vale ressaltar que não estamos aqui fazendo apologia a uma prática clínica ou algo similar próprio da filosofia, mas apontamos em uma direção que busca uma reflexão vinculada com os temas capitais do cotidiano das pessoas e que pode fazer da reflexão filosófica uma proposta fecunda para as mais diversas atividades, sejam elas com fim terapêutico ou não.

NOTAS:

¹ As citações do autor Peter Raabe são traduções livres para fins didáticos do capítulo I do livro *Philosophical counseling Theory and Practice*, no seu original em inglês, assim a paginação seguirá a versão traduzida.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Ética nicomáquea*. Madrid: Gredos, 1988.
- FERNANDES, Antonio Frago. *O aconselhamento filosófico*. Disponível em: <http://apaef2005.weblog.com.pt/arquivo/2006/02/artigo_14_o_a.html>.
- FRANKL, Viktor E. *A questão do sentido em psicoterapia*. Campinas, SP: Papyrus, 1990.
- _____. *Um sentido para a vida*. Aparecida, SP: Santuário, 1993.
- MORA, Ferrater. *Diccionario de Filosofia*. Barcelona: Ariel, 1994. Tomo II.
- PLATÃO. *Diálogos IV*. A República. Madrid: Gredos, 1998.
- RAABE, Peter B. *Philosophical counseling theory and practice*. E. Westport: Praeger, 2001.
- SAUTET, Marc. *Um café para Sócrates: como a filosofia pode ajudar a compreender o mundo de hoje*. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- VAZ, H.C. Lima. *Escritos de Filosofia IV: introdução à ética filosófica I*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002.